

## A COMPLEXIDADE DO TEMPO HISTÓRICO

Hugo Hruby<sup>1</sup>

---

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014. 352 p.

---

As editoras Contraponto e PUC-Rio nos proporcionam a primeira edição em língua portuguesa do livro *Estratos do tempo: estudos sobre história* de Koselleck (1923-2006). A publicação reúne dezoito estudos, palestras e ensaios do historiador alemão das décadas de 1970 a 1990. Esses textos possuem um mesmo problema de pesquisa: as estruturas temporais das experiências e narrativas da história humana. A edição brasileira se dá quatorze anos após o lançamento em língua alemã.

Koselleck, um dos mais eruditos historiadores contemporâneos, foi professor nas Universidades alemãs de Bochum, Heidelberg e Bielefeld. Seu primeiro texto no Brasil se deve à palestra *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos* publicada na revista *Estudos Históricos* em 1992. Ela fora traduzida por um dos grandes pesquisadores da escrita da história no país, Manoel Salgado Guimarães. Koselleck passou, então, a ser conhecido pelos pesquisadores brasileiros principalmente pelos estudos da história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*).

A partir da década de 1990, passa-se a ter acesso em língua portuguesa aos demais trabalhos do historiador alemão. As editoras Contraponto e PUC-Rio publicaram, em 1999, a sua tese de doutorado (1959) com o título *Crítica e Crise: uma contribuição à patogeneza do mundo burguês*. Nela o autor investigou a relação entre a formação da moderna filosofia da história e o início da crise europeia em 1789. Ensaio reunidos em língua alemã (1979) foram lançados aqui por essas mesmas editoras, em 2006, sob

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)/ bolsista CNPq.

o título *Futuro Passado, contribuição à semântica dos tempos históricos*. Esse livro permitiu a rápida difusão das pesquisas do autor no ambiente acadêmico brasileiro (a tradução para o espanhol já fora feita em 1993). Nele, Koselleck analisou como em um determinado presente, de maneira explícita ou implícita, a dimensão temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro principalmente entre 1750 e 1850 na Europa Ocidental. Suas investigações focalizaram a semântica dos conceitos fundamentais que modelaram a experiência histórica do tempo. Em sua parte final estão explicitadas as duas categorias meta-históricas tão referenciadas desde então: espaço de experiência e horizonte de expectativa.

Recentemente, dentro da coleção História e Historiografia, a editora Autêntica publicou *O conceito de História*. Trata-se da tradução do verbete “Geschichte, Historie” (1975), elaborado a oito mãos por Koselleck, Christian Meier, Horst Günther e Odilo Engels; um dos 119 artigos do famoso dicionário histórico *Geschichtliche Grundbegriffe: historisches Lexikon zue politisch-sozialen Sprache in Deutschland* (9 volumes, 1972 -1997). A apreensão conceitual do mundo moderno é o fio condutor dessa obra monumental e pouco conhecida em nosso país. O conceito de História se define modernamente em si e para si, incorporando uma teia de significados desde a Antiguidade.

Essa gama de leituras contribui para os estudiosos brasileiros ingressarem nas páginas de *Estratos do tempo* com fartas referências. Subsídio facilitado pela publicação em língua espanhola, inglesa e francesa de grande parte dos textos traduzidos agora para o português. Apesar de título semelhante, *Los estratos del tiempo, estudios sobre la historia* (2001) contém apenas cinco dos dezoito textos publicados na edição brasileira. Também em espanhol se poderia acessá-los em *Historia y hermenéutica* (1997), *Aceleración, prognosis y secularización* (2003). Em *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts* (2002) encontramos seis dos ensaios. No idioma francês, em *L'Expérience de l'Histoire* (1997a), já era possível acessar três.

Os textos em *Estratos do tempo* foram alocados em quatro blocos: 1) Sobre a antropologia de experiências históricas do

tempo; 2) O entrelaçamento e a mudança das três dimensões temporais; 3) Atualidades e estruturas de repetição; 4) Perspectivas historiográficas sobre os diferentes níveis do tempo. A divisão não segue a ordem cronológica das falas do autor. Os títulos dos blocos são muitos genéricos. Os ensaios poderiam ser rearranjados em outros blocos com títulos diferentes ou dispostos de forma contínua, sem divisão. A leitura fora de ordem ou parcial não atrapalha a compreensão dos textos.

Na primeira parte, o autor explica a utilização da metáfora espacial para designar os diversos planos do tempo histórico, com durações diferentes e origens distintas, e que, entretanto, atuam simultaneamente. A estratificação temporal permite tratar das diferentes velocidades de mudança (acelerações e atrasos) ao fugir das concepções lineares e circulares do tempo. Uma teoria dos estratos do tempo nos mostra as relações complexas entre os acontecimentos singulares e as estruturas de maior duração, que podem transcender a experiência de indivíduos e gerações. Tais mudanças implicam a articulação antropológica em que a história da experiência (a realidade no curto, médio e longo prazo) e a história dos métodos (a aquisição de conhecimentos históricos por meio do registro, continuação e reformulação da história) se constituem reciprocamente, porém não derivam por completo uma da outra. O uso metafórico leva o autor a refletir de que maneira as categorias de espaço e tempo representam as condições de possibilidade da história. Esse primeiro bloco termina com os textos de Koselleck e Hans-Georg Gadamer de 1985 na Universidade de Heidelberg por ocasião dos 85 anos de Gadamer. O discurso de Koselleck e a réplica de Gadamer abordam as relações entre teoria da história e hermenêutica. No centro do debate está a existência de processos históricos que se reduzem ou escapam a qualquer compensação ou interpretação linguística. Koselleck procura justificar sua tese de que o estatuto da teoria da história não pode ser enquadrado como uma divisão da hermenêutica.

O segundo bloco inicia com a análise da incorporação da utopia na filosofia da história, ou seja, a temporalização do futuro. Para responder à pergunta se existe aceleração da história, o autor compara a singularidade da experiência da aceleração antes e

depois da Revolução Industrial. Se a mudança podia ser constatada em todas as histórias antigas, modernamente, porém, tudo muda mais rapidamente do que se pode esperar, não sendo possível deduzir o que ocorrerá a partir das experiências conhecidas. A aceleração é um conceito da experiência da modernidade que, mesmo resultante de progressos técnico-científicos e de crises políticas, incorpora expectativas apocalípticas.

Respondida a pergunta inicial do bloco – existem acelerações não da história, mas na história – o autor nos mostra, em seguida, a ligação entre abreviação, aceleração e secularização do tempo. Esse segundo conjunto de reflexões termina com a instigante possibilidade de previsões, pois o ser humano é dependente da visão de futuro para existir. Se, em um primeiro momento, essas questões parecem destituídas de racionalidade, Koselleck argumenta, por meio do conceito de revolução, que cada história individual é vivenciada como algo singular; no entanto, as circunstâncias nas quais a singularidade se realiza não são novas. Existem estruturas e processos que condicionam e subsistem aos eventos individuais. Se há repetição de estruturas formais, é possível fazer previsões. A exatidão de prognósticos se baseia na análise da estratificação múltipla dos decursos temporais históricos (curto, médio e longo prazos).

A pergunta – Quão nova é a modernidade? – abre a terceira parte do livro. Nessa parte, o autor amplia a discussão do bloco anterior. A história é nova em sua sequência de eventos e se repete em suas estruturas. Por sua vez, a característica da modernidade está na possibilidade de perceber de imediato quando há mudança estrutural. Conforme a percepção quase unânime dos contemporâneos aos eventos de 1789, a aceleração do processo político foi mais sensível do que a revolução técnico-industrial. O calendário revolucionário, por exemplo, inaugurava uma nova época da história. Tal constatação de um novo tempo no presente leva o autor a indagar: o que é história contemporânea? De acordo com as evidências levantadas, a história contemporânea sempre existiu. Somente a partir da Revolução Francesa, o conceito de tempo presente passa a ser limitado à atualidade sincrônica do passado mais recente. Essa questão da percepção das grandes

mudanças pelos indivíduos é trabalhada por meio do impacto das duas grandes guerras na consciência coletiva francesa e alemã.

No quarto e último bloco, o autor nos dá um “puxão de orelha” ao analisar a indigência teórica dos historiadores. Ao abordar a história dos conceitos, a história estrutural, a sequência cronológica, os conflitos históricos, as séries históricas, as perguntas teleológicas e a dependência da posição do interrogador, Koselleck afirma que “uma teoria dos tempos históricos que faça jus à realidade histórica complexa exige afirmações relacionadas a múltiplos estratos” (KOSELLECK, 2014, p. 290). A teorização dos tempos históricos representa um desafio para a História Social. Conforme o autor, o surgimento da consciência temporal especificamente histórica se dá com as categorias “novo tempo”, “progresso” e “aceleração”. Elas colocam em pauta a relação inesgotável – aporia epistemológica – do par conceitual evento-estrutura. Por meio das categorias meta-históricas de experiência e expectativa, pode-se comprovar empiricamente essa mudança de tempos históricos. A história do direito e suas implicações na história geral exemplifica os diferentes ritmos de mudança sob o aludido par conceitual. O bloco encerra com uma outra pergunta: “Alemanha, uma nação atrasada?”. Para uma pergunta que parece requerer resposta curta e direta, o autor utiliza o exemplo do “caminho particular alemão” a fim de, com toda a bagagem já exposta ao longo do livro, mostrar erros e simplificações envolvendo: os conceitos de “alemão”, “povo alemão” e “nação”; as sequências de eventos e as estruturas de repetição; as visões de passado e futuro, e seus prognósticos, teleologias, explicações causais.

As apuradas reflexões de Koselleck seguem por uma narrativa fluida em excelente tradução. As peculiaridades da língua alemã são bem explicadas pelo tradutor em notas de rodapé que orientam os leitores. A existência do *Sattelzeit* é uma das hipóteses mais discutidas da Teoria koselleckiana da história. Por isso, a tradução do termo pode ser mais ampla do que pressupõe a referida nota (KOSELLECK, 2014, p. 281), como se observa em outro texto (KOSELLECK, 2006a, nota 17, p. 162). Na sustentação de seus argumentos, o autor transita por diferentes períodos

históricos, mostrando invejável erudição. A bibliografia, em sua maioria, é alemã, sendo que grande parte de seus autores não possui tradução para o português. Há poucos títulos em francês e inglês. Os textos são instigantes tanto para acadêmicos das Ciências Humanas como para pesquisadores iniciantes ou público leigo. Como bem pontua Peter Burke, Koselleck foi um historiador de historiadores e não um escritor de histórias para o grande público. Porém, para aqueles que fizerem um esforço, serão recompensados intelectualmente (BURKE, 2009, p. 94). Algumas citações em latim não traduzidas talvez atrapalhem um pouco o ritmo da leitura.

Ao se debruçar sobre as estruturas temporais das experiências e narrativas da história humana, principalmente da Antiguidade até meados do século XIX, Koselleck não deixa de realizar ligações constantes com a atualidade: Estado, soberania e blocos continentais; o passado nacional-socialista alemão e os campos de concentração; as experiências comunistas; o crescimento populacional mundial; as duas grandes guerras; a simultaneidade do assíncrono no desenvolvimento entre países; a divisão pós-guerra e a reunificação alemã sob a União Europeia.

O problema do livro está no *gap* entre a escrita dos ensaios/palestras e as respectivas publicações em alemão (2000) em o português (2014). Trata-se de uma questão editorial. Mesmo a resistência acadêmica norte-americana à história conceitual não comprometeu uma distância tão grande. A pouca tradição com a língua de Goethe e o vínculo mais amplo e sólido com os acadêmicos franceses, estado-unidenses e ingleses explicam a distância dos brasileiros das publicações dos centros de pesquisa na Alemanha (JASMIN; FERES JÚNIOR, 2006, p. 21). Isso nos afasta dos debates da época. Quais são as grandes discussões nos anos 1970, 1980 e 1990 em que Koselleck está se posicionando? Com quem dialoga? A quem está respondendo ou criticando? As menções bibliográficas em notas de rodapé são insuficientes. As pistas nos próprios textos talvez não mensurem adequadamente o calor daqueles debates sob o qual foram escrituradas as falas de Koselleck. Por exemplos: 1) a articulação entre a “dialética da duração” de Fernand Braudel e

o enfoque histórico-estrutural de Werner Konze; 2) a ascensão e o significado de História Social no contexto alemão; 3) a resposta curta e educada de Gadamer no livro minimiza a controvérsia sobre o papel da hermenêutica na história dos conceitos; 4) a menção somente ao sobrenome, e sem nota explicativa, a Daniel Goldhagen – escritor de *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto* (1996) – silencia a grande polêmica historiográfica conhecida como *Historikerstreit*; 5) a aproximação e o afastamento dos estudos conceituais na Alemanha da história das ideias e da história dos intelectuais como são praticadas no mundo de fala inglesa. Caberão aos interessados perscrutarem esses e outros debates.

Ler *Estratos do tempo* não requer necessariamente conhecer os demais livros do autor. Para quem só ler esse, com certeza ficará instigado a ler os demais. Para quem já leu as outras publicações, a leitura dessa última possibilitará construir referências a temas e reflexões anteriormente trabalhadas em *Futuro Passado* e *O conceito de História*. Cabe lembrar, como o próprio Koselleck no prefácio de *Futuro Passado* (1979), que a maior parte dos seus ensaios no período foi concebida em estreita associação com o planejamento e a elaboração do citado dicionário histórico de conceitos fundamentais da linguagem político-social na Alemanha (1972-1997). Os estudos reunidos em 1979 e 2000 orbitam ao redor do léxico e de sua centena de verbetes.

A tiragem inicial de dois mil exemplares deverá se esgotar em breve. Dos pequenos deslizos de impressão, sugere-se a correção da data de falecimento do autor na segunda orelha do livro. Koselleck faleceu em 2006 e não 2003. Lamenta-se a ausência de imagens na conferência sobre o culto político aos mortos e seus monumentos, nos moldes de outro texto em edição inglesa (KOSELLECK, 2002a, p. 285-326). Ficamos no aguardo da tradução de dois outros títulos: *Zeitschichten, studien zur historik* (2003a) e *Vom Sinn und Unsinn der Geschichte* (2010), ambos pela Suhrkamp Verlag de Berlim. A primeira e única biografia de Koselleck foi publicada recentemente em língua inglesa. De Niklas Olsen, *History in the plural, an introduction to the work of Reinhart Koselleck* (2012) nos permite conhecer um pouco mais

o historiador por trás das instigantes reflexões, cuja obra, ainda pouco conhecida e discutida, ajudará a minimizar a indigência teórica em nossa área.

Dessa leitura por tempos e espaços diversos, e que nos levam a outros livros e reflexões, duas mensagens nos são caras. A primeira, em entrevista no ano anterior a seu falecimento, Koselleck reiterou a questão que atravessa os estratos do tempo. A necessidade da integração das perspectivas sincrônicas e diacrônicas: “há que se ter sempre em conta ambos os planos” (KOSELLECK, 2006a, p. 140). A segunda, ao utilizar Diderot, ele refletiu sobre a paixão dos jovens sobre os eventos e daqueles com certa idade pela reflexão: “um historiador precisa sempre ser, ao mesmo tempo, idoso e jovem – uma profissão verdadeiramente paradoxal” (KOSELLECK, 2014, p. 222). Imbricado nessa complexidade dos estratos do tempo da História não se pode ignorar o tempo de seus artífices para enriquecer nosso ofício.

## Referências

BURKE, P. *O historiador como colunista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

JASMIN, M. G.; FERES JÚNIOR, J. (Orgs.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Edições Loyola; IUPERJ, 2006.

KOSELLECK, R. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014.

\_\_\_\_\_. et al. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. *Vom Sinn und Unsinn der Geschichte*. Berlin: Suhrkamp, 2010.

\_\_\_\_\_. *Futuro passado, contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: JASMIN, M. G.; FERES JÚNIOR, J. (Orgs.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Loyola; Editora PUC-Rio; IUPERJ, 2006a.

\_\_\_\_\_. *Aceleración, prognosis y secularización*. Valencia: Pre-textos, 2003.

- \_\_\_\_\_. *Zeitschichten, studien zur historik*. Berlin: Suhrkamp, 2003a.
- \_\_\_\_\_. *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Stanford: Stanford University Press, 2002.
- \_\_\_\_\_. War memorials: identity formations of the survivors. In: \_\_\_\_\_. *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Stanford: Stanford University Press, 2002a. p. 285-326.
- \_\_\_\_\_. *Los estratos del tiempo, estudios sobre la historia*. Barcelona: Paidós, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e crise, uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Historia y hermenéutica*. Barcelona: Paidós, 1997.
- \_\_\_\_\_. *L'Expérience de l'Histoire*. Paris: Gallimard, 1997a.
- \_\_\_\_\_. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.
- OLSEN, N. *History in the plural. An introduction to the work of Reinhart Koselleck*. New York: Berghahn Books, 2012.

### **Hugo Hruby**

Doutor em História pela PUCRS/bolsista CNPq  
hugohruby@gmail.com  
Rua Assunção 395/101  
Porto Alegre - RS  
91050-130